

fluem no rio do sangue.  
As águas já não permitem  
distinguir seu rosto longe,  
para lá de setenta anos...

Senti que me perdoava  
porém nada dizia.

As águas cobrem o bigode,  
a família, Itabira, tudo.

### RUA DO OLHAR

Entre tantas ruas  
que passam no mundo,  
a Rua do Olhar,  
em Paris, me toca.

Imagino um olho  
calmo, solitário,  
a fitar os homens  
que voltam cansados.

Olhar de perdão  
para os desvarios,  
de lento conselho  
e cumplicidade.

Rua do Olhar:  
as casas não contam,  
nem contam as pedras  
caladas no chão.

Só conta esse olho  
triste, na tarde,  
percorrendo o corpo,  
devassando a roupa...

A luz que se acende  
não te ilumina.  
O brilho sem brilho,  
a vaga pestana

desse olho imóvel  
oscilam nas coisas  
(são apenas coisas  
mas também respiram)

Pela noite abaixo  
uma vida surda  
embebe o silêncio,

como frio no ar.

Sinto que o drama  
já não interessa.  
Quem ama, quem luta,  
quem bebe veneno?

Quem chora no escuro,  
quem que se diverte  
ou apenas fuma  
ou apenas corre?

Uma rua—um olho  
aberto em Paris  
olha sobre o mar.  
Na praia estou eu.

Vem, farol tímido,  
dizer-nos que o mundo  
de fato é restrito,  
cabe num olhar.

Olhar de uma rua  
a quem quer que passe.

Compreensão, amor  
perdidos na bruma.

Que funda esperança  
perfura o desgosto,  
abre um longo túnel  
e sorri na boca!

E sorri nas mãos,  
no queixo, na rosa,  
no menor dos bens  
de ti, meu irmão!

## A ROSA DO POVO

### CONSIDERAÇÃO DO POEMA

Não rimarei a palavra sono  
com a incorrespondente palavra outono.  
Rimarei com a palavra carne  
ou qualquer outra, que todas me convêm.  
As palavras não nascem amarradas,  
elas saltam, se beijam, se dissolvem,  
no céu livre por vezes um desenho,  
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.

Uma pedra no meio do caminho  
ou apenas um rastro, não importa.  
Estes poetas são meus. De todo o orgulho,  
de toda a precisão se incorporaram  
ao fatal meu lado esquerdo. Furto a Vinicius  
sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo.  
Que Neruda me dê sua gravata  
chamejante. Me perco em Apollinaire. Adeus,  
[Maiakóvski.]

São todos meus irmãos, não são jornais  
nem deslizar de lancha entre camélias:  
é toda a minha vida que joguei.

Estes poemas são meus. É minha terra  
e é ainda mais do que ela. É qualquer homem  
ao meio-dia em qualquer praça. É a lanterna  
em qualquer estalagem, se ainda as há.  
—Há mortos? há mercados? há doenças?  
É tudo meu. Ser explosivo, sem fronteiras,  
por que falsa mesquinhez me rasgaria?  
Que se depositem os beijos na face branca, nas  
[pricipiantes rugas.]

O beijo ainda é um sinal, perdido embora,  
da ausência de comércio,  
boiando em tempos sujos.

Poeta do finito e da matéria,  
cantor sem piedade, sim, sem frágeis lágrimas,  
boca tão seca, mas ardor tão casto.  
Dar tudo pela presença dos longínquos,  
sentir que há ecos, poucos, mas cristal,  
não rocha apenas, peixes circulando  
sob o navio que leva esta mensagem,  
e aves de bico longo conferindo  
sua derrota, e dois ou três faróis,  
últimos! esperança do mar negro.

Essa viagem é mortal, e começá-la.  
Saber que há tudo. E mover-se em meio  
a milhões e milhões de formas raras,  
secretas, duras. Eis aí meu canto.

Ele é tão baixo que sequer o escuta  
ouvido rente ao chão. Mas é tão alto  
que as pedras o absorvem. Está na mesa  
aberta em livros, cartas e remédios.  
Na parede infiltrou-se. O bonde, a rua,  
o uniforme de colégio se transformam,  
são ondas de carinho te envolvendo.

Como fugir ao mínimo objeto  
ou recusar-se ao grande? Os temas passam,  
eu sei que passarão, mas tu resistes,  
e cresces como fogo, como casa,  
como orvalho entre dedos,  
na grama, que repousam.

Já agora te sigo a toda parte,  
e te desejo e te perco, estou completo,  
me destino, me faço tão sublime,  
tão natural e cheio de segredos,  
tão firme, tão fiel... Tal uma lâmina,  
o povo, meu poema, te atravessa.

## PROCURA DA POESIA (1945)

Não faças versos sobre acontecimentos.  
Não há criação nem morte perante a poesia.  
Diante dela, a vida é um sol estático,  
não aquece nem ilumina.  
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais  
[não contam.]

Não faças poesia com o corpo,  
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso  
[à efusão lírica.]

Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro  
são indiferentes.  
Nem me reveles teus sentimentos,  
que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.  
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.

Não cantes tua cidade, deixa-a em paz.  
O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo  
[das casas.]

Não é música ouvida de passagem; rumor do mar nas  
[ruas junto à linha de espuma.]

O canto não é a natureza  
nem os homens em sociedade.  
Para ele, chuva e noite, fadiga e esperança nada  
[significam.]

A poesia (não tires poesia das coisas)  
elide sujeito e objeto.

Não dramatizes, não invoques,  
não indagues. Não percas tempo em mentir.  
Não te aborreças.  
Teu iate de marfim, teu sapato de diamante,  
vossas mazurcas e abusões, vossos esqueletos de família  
desaparecem na curva do tempo, é algo imprestável.

Não recomponhas  
tua sepultada e merencória infância.  
Não osciles entre o espelho e a  
memória em dissipação.  
Que se dissipou, não era poesia.  
Que se partiu, cristal não era.

Penetra surdamente no reino das palavras.  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
Estão paralisados, mas não há desespero,  
há calma e frescura na superfície intata.  
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.  
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.  
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.  
Espera que cada um se realize e consume  
com seu poder de palavra  
e seu poder de silêncio.  
Não forces o poema a desprender-se do limbo.  
Não colhas no chão o poema que se perdeu.  
Não adules o poema. Aceita-o  
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada  
no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?

Repara:  
ermas de melodia e conceito  
elas se refugiaram na noite, as palavras.  
Ainda úmidas e impregnadas de sono,  
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.